

Introdução à
**ECOLOGIA
DAS MÍDIAS**

Lance Strate
Adriana Braga
Paul Levinson



Copyright © 2019, dos Autores.

Editora PUC-Rio

Rua Marquês de S. Vicente, 225
Projeto Comunicar – casa Agência/Editora
22451-900 – Gávea – Rio de Janeiro, RJ
Telefax: (21) 3527-1760/1838
edpucrio@puc-rio.br
www.puc-rio.br/editorapucrio

Conselho Editorial

Augusto Sampaio, Danilo Marcondes, Felipe Gomberg, Hilton Augusto Koch,
José Ricardo Bergmann, Júlio Diniz, Luiz Alencar Reis da Silva Mello,
Luiz Roberto Cunha e Sergio Bruni.

Tradução:

Adriana Braga
Yan Novaes Coutinho

Preparação de originais:

Ivone Teixeira

Sumário

Prefácio por Luís Mauro Sá Martino	7
Apresentação – Uma abordagem ecológica da comunicação e da tecnologia	15
1. A ecologia das mídias e a comunicação	19
2. Entendendo Marshall McLuhan: conceitos e aforismos	29
3. O mais célebre aforismo: “O meio é a mensagem”	41
4. A ecologia das mídias e a condição humana	67
5. A ecologia das mídias e a informação	97
6. McLuhan, profeta da internet	127
7. McLuhan e a era das mídias sociais por Paul Levinson	149
Referências	191



Prefácio

Luís Mauro Sá Martino

As pesquisas sobre ecologia das mídias vêm ganhando espaço considerável dentro dos estudos de comunicação, talvez pela necessidade de compreender um fenômeno que parece estar cada vez mais estabelecido ao nosso redor – o ambiente das mídias, em particular dos meios digitais. Exatamente por essa proximidade, seu estudo parece ser mais e mais relevante. *Introdução à ecologia das mídias*, de Adriana Braga, Lance Strate e Paul Levinson, aparece em um contexto que, a cada dia, coloca mais desafios para serem compreendidos.

O livro se insere em um número crescente de trabalhos sobre o tema – livros, artigos publicados em revistas acadêmicas e apresentados em eventos. O caminho escolhido neste livro, no entanto, parece ser um pouco diferente de parte de outras publicações a respeito do assunto, buscando, ao mesmo tempo, retomar os fundamentos da ecologia das mídias e entender suas questões contemporâneas.

Isso significa, ao que parece, voltar a um dos principais articuladores desse modo de pensar: Marshall McLuhan, uma das figuras principais do livro.

Ao que tudo indica, poucos autores na teoria da comunicação tiveram uma recepção mais acidentada de sua obra do que McLuhan. A começar por seu sobrenome: embora a escrita correta seja “McLuhan”, um livro de Alan Bourdin, publicado em 1979, é grafado *MacLuhan* como título. Dez

anos antes havia sido lançado no Brasil o trabalho de Sidney Finkelstein, *McLuhan: filosofia da insensatez*, contemporâneo das primeiras traduções de McLuhan no Brasil. É relativamente raro, no mercado editorial brasileiro, o lançamento de obras críticas – ao menos nesse nível – em relação a um autor que, no caso, começava a ser conhecido do público. Um livro introdutório, *As ideias de McLuhan*, de Jonathan Miller, apareceu em 1971.

Naquele momento, McLuhan era novidade. Seus livros ensaiavam circular nos meios acadêmicos – *Os meios de comunicação*, em tradução de Décio Pignatari, pela Cultrix, em 1967, seguido de *Revolução na comunicação*, escrito com Edmund Carpenter e lançado pela Zahar em 1968, e *A galáxia de Gutemberg*, em 1972, pela Edusp/Companhia Editora Nacional. Entre 1971 e 1973, a editora Record lançou *Os meios são as massagens*, *Guerra e paz na aldeia global* e *Do clichê ao arquétipo*, de McLuhan e Quentin Fiore. Depois disso, mais vinte anos de silêncio até a Ediouro lançar, em 2005, *McLuhan por McLuhan*, tradução de *Understanding Me*, coletânea de entrevistas e conferências.

As apropriações de seu pensamento também não parecem ter sido muitas.

Um dos trabalhos mais conhecidos é o livro *Mutações em educação segundo McLuhan*, do pedagogo Lauro de Oliveira Lima, publicado já em 1971. Curiosamente, o livro de Lima se pauta, em boa medida, no texto “Mutations 1990”, publicado em 1969 por McLuhan e editado, em português, apenas em 1985, no número 5, ano 2, da revista *Educação Municipal* e, ao que parece, nunca mais republicado (a título de curiosidade, nesse texto está a frase de McLuhan “Uma rede mun-

dial de ordenadores tornará acessível, em alguns minutos, todo tipo de informação aos estudantes do mundo inteiro”).

Será preciso aguardar quarenta anos até o próximo livro sobre o autor, *Estendendo McLuhan* de Vinicius Pereira, provavelmente o primeiro estudo monográfico sobre McLuhan na área de comunicação no Brasil (e, ao que parece, em qualquer outra área).

E, no entanto, nos livros de teoria da comunicação, McLuhan é uma das poucas unanimidades – ou quase. Em uma área caracterizada pela ausência de consenso a respeito de boa parte de suas questões teóricas e epistemológicas, é interessante notar que McLuhan está presente em boa parte dos livros rotulados como “teoria da comunicação” publicados entre 1964 e 2016. Os tons dessa presença certamente variam, e não cabe aqui detalhar isso, mas vale notar certo paradoxo na apropriação de McLuhan nos estudos de comunicação (e, claro, isso é apenas um panorama geral para situar este livro: uma cartografia minuciosa de sua apropriação em artigos, teses e dissertações certamente revelaria outras articulações).

McLuhan é uma das personagens centrais deste *Introdução à ecologia das mídias*. Mas o livro não é sobre o autor: trata-se de uma reflexão a partir de uma genealogia teórica e conceitual muito mais ampla, em constante diálogo com a realidade contemporânea. E, se McLuhan ocupa lugar central no livro, é porque suas ideias, de certa maneira, deram boa parte da forma como a ideia de “ecologia das mídias” se desenvolveu ao longo das últimas décadas – o livro faz uma excelente genealogia dessa história, e não vale dar *spoilers* aqui no prefácio.

Lance Strate, Adriana Braga e Paul Levinson conseguem fazer um livro vertiginoso, daqueles que é difícil parar de ler. O encadeamento dos capítulos segue uma ordem temática que, em uma espécie de espiral, retoma temas e propõe conexões inesperadas com autoras, autores e temas menos associados com o universo de questões geralmente associados a McLuhan.

Ao mesmo tempo introdutório e denso, segundo a proposta declarada dos autores, o livro não é um comentário ou interpretação de McLuhan, o que já seria muito bem-vindo, mas poderia ser entendido como uma tentativa de pensar *com* McLuhan, seus antecessores, críticos e continuadores, para entender um pouco mais do ambiente da comunicação contemporânea.

E, principalmente, situa a questão da ecologia das mídias dentro de um contexto cultural e intelectual mais amplo, trazendo para a discussão autoras e autores de várias outras áreas também interessados nas questões propostas por McLuhan – mas nada de muitos *spoilers* aqui.

Uma contribuição particularmente bem-vinda é desmontar algumas visões relativamente disseminadas tanto de McLuhan quanto da noção de “ecologia das mídias”, ressituaando-os em um debate sobre comunicação. Há uma preocupação em não pensar a mídia – ou, de maneira mais correta, o *meio* – como o “centro”, mas como um “ambiente”, algo que nos rodeia, envolve, circula e, por isso mesmo, se torna quase invisível para nós.

Como relembra Barry Wellman, um dos principais pesquisadores sobre redes e mídias digitais, um meio só atinge sua força máxima no cotidiano quando se torna invisível,

isto é, quando sua presença no cotidiano deixa de ser notada como novidade e ele passa a integrar o cenário.

De certa maneira, este livro ajuda a olhar para os detalhes de nossa interação com as mídias no cotidiano, na escala micro das relações sociais – não por acaso, um dos autores chamados para dialogar, no livro, ainda que de passagem, é o também canadense Erving Goffman, voltado para o estudo das microinterações no cotidiano. Falar em uma ecologia das mídias talvez não deixe de ser, também, um exercício de estranhamento para voltar a ver o ambiente ao nosso redor – e *Introdução à ecologia das mídias* faz esse desafio.

Desnaturalizar esse ambiente, aliás, é um passo importante não apenas para torná-lo dinâmico, mas também para pensar em suas implicações políticas, sociais e econômicas. Esse processo não deixa de provocar certo estranhamento – necessário, talvez, para fazer ver novamente o que costuma estar opaco. Esse ambiente não se refere apenas aos dispositivos técnicos ao nosso redor, mas às maneiras como nos articulamos com eles, no cotidiano, para a produção de sentidos.

O texto de um livro, por exemplo, é lido em uma tela ou uma folha de papel, mas isso é apenas um ponto de partida. O encadeamento é linear, insistindo em traçar uma rota para os olhos da esquerda para a direita, e há uma contínua elaboração de conceitos, palavra após palavra. Requer atenção constante, foco e concentração para não perder o fio condutor de cada frase.

A frase escrita, aliás, para ser compreendida – salvo na forma poética – precisa de começo, meio e fim estruturados,

diferentemente, por exemplo, de uma conversa em voz alta, marcada pelas características do meio sonoro da voz. *Introdução à ecologia das mídias*, ao problematizar esse ambiente, desafia a pensar até que ponto, por estarmos acostumados a valorizar a mensagem sobre o meio, não deixamos de ver as implicações de sentido que cada mídia tem.

Isso parece significar, entre outros pontos, recuperar as relações da técnica com o ser humano em uma perspectiva relacional.

Talvez não por acaso, o capítulo 4 proponha um diálogo da ecologia das mídias com Hannah Arendt, em especial com algumas das questões centrais de seu livro *A condição humana*. A relação entre o ser humano e a técnica, em um duplo movimento de reelaboração mútua, sem princípio, centro ou fim, parece estar entre as preocupações da perspectiva de um ambiente midiático na proposta da ecologia das mídias. “Reelaboração mútua” do ser humano com a técnica traz, na raiz, a noção do “labor”, conceito desenvolvido por Arendt e recuperado pelos autores do livro para repositonar a questão dos meios em um contexto mais amplo.

Como “ambiente”, não há um “centro”, mas algo que está ao redor. Em *Introdução à ecologia das mídias*, sai de cena o McLuhan “midicêntrico”, assim como uma leitura “midicêntrica” da comunicação, e recupera-se o crítico cultural, doutor em literatura, preocupado com os desenvolvimentos e caminhos da cultura e da sociedade em um ambiente que, tudo indica, ele sabia ser sem volta.

De certa maneira, há uma outra ideia de “ecologia das mídias” apresentada aqui: a “materialidade técnica” da mídia está relacionada com seu uso, seu contexto social e po-

lítico, a produção de sentidos e a elaboração de significados – quase uma poética da mídia, seria possível dizer. Do “meio”, sem dúvida, do *medium*, mas em uma concepção que desafia qualquer tentativa de redução ao elemento técnico em si, mas entrelaçado em uma trama de relações culturais e tecnológicas.

O desenvolvimento das mídias não é visto como uma espécie de “infraestrutura” ou um “motor da história”, como uma espécie de substituto técnico de uma concepção de História; antes, a materialidade da comunicação é apresentada pelos autores em suas relações com o contexto histórico, com o desenvolvimento de outras técnicas – por exemplo, quando falam das relações – raramente mencionadas – entre o desenvolvimento de motores e a explosão do fluxo de notícias (nada de *spoilers*).

Essa recuperação, de certa maneira, pode ajudar a situar a questão da mídia também nos estudos de comunicação, auxiliando justamente a pensar o que é “mídia”, um dos conceitos mais elásticos em circulação na área. O livro não oferece uma resposta fechada ou única, mas colabora para problematizar exatamente o que se pode considerar como “meio”, como tema e objeto de pesquisas na área.

Os capítulos 2 e 3, por exemplo, dedicam-se a um trabalho de interpretação crítica dos principais aforismos de McLuhan, como “O usuário é o conteúdo” e “O meio é a mensagem” – este último, aliás, ganha todo o terceiro capítulo. As análises permitem uma revisão desses conceitos, amplamente espalhados pela literatura da área, dentro de perspectivas do ambiente das mídias digitais contemporâneas. Nesse ponto, como os autores indicam, é preciso uma

aproximação cuidadosa com a escrita de McLuhan: suas ambiguidades, provocações e jogos de sentido nem sempre trazem uma compreensão imediata, e pensá-las fora de contexto traz o risco de tratá-las como aforismos soltos ou mesmo como questões de estilo.

Se é possível terminar de maneira leve, o livro convida ao que pode ser um curioso metaexercício das relações entre meio e mensagem. Para isso, é interessante situar que os capítulos não são identificados, com exceção do último. Não se sabe, portanto, quem escreveu cada parte – o que ajuda na unidade do livro. Mas nada de *spoilers* sobre isso também – fica aberto à sensibilidade de cada leitora e leitor.

APRESENTAÇÃO

Uma abordagem ecológica da comunicação e da tecnologia

Neste livro, Lance Strate, Adriana Braga e Paul Levinson apresentam de modo claro e acessível os principais fundamentos teóricos e metodológicos do campo de estudos denominado ecologia das mídias (*Media Ecology*). Essa tradição de pesquisa multidisciplinar se desenvolveu nos Estados Unidos a partir dos anos 1950, tendo como figura central o famoso “oráculo da era eletrônica”, Marshall McLuhan. Com o advento da era digital, as previsões desse autor se confirmaram, renovando o interesse em sua obra e elevando-o à condição de profeta do mundo digital, em que a internet realizou literalmente a profecia da “aldeia global”.

As origens do pensamento ecológico sobre a ação das tecnologias na vida social, política, cultural, demográfica e biológica, entretanto, têm raízes muito mais antigas. O diálogo *Fedro*, de Platão, é tradicionalmente citado como uma referência clássica sobre essa questão. Nele, o experiente Sócrates conversa com o jovem Fedro sobre os efeitos de uma tecnologia – a escrita – na arte da retórica. Pode um texto escrito convencer uma audiência da mesma maneira que um orador sagaz? Sim? E se alguém da audiência fizer uma pergunta a um texto escrito e a um orador sagaz? Sócrates – que nunca nos deu a conhecer um texto sequer escrito por ele – aparece na história da filosofia como um personagem de Platão, que defende (por escrito) o seu mes-

tre. Se não fosse pela escrita, entretanto, Sócrates teria desaparecido na história, como desapareceram todas as palavras ditas por todos os oradores sagazes da Antiguidade.

A ecologia das mídias trata desse tópico, das consequências globais – ecológicas – que a introdução das tecnologias produz nas sociedades humanas. A introdução da escrita, da imprensa, do telégrafo, do rádio, do automóvel, da televisão ou da internet nos afeta de modos mais profundos do que meramente a nossa capacidade de enviar mensagens. Afeta, também, os modos como entendemos o mundo, e o próprio significado que palavras como “distância”, “velocidade”, “cidadania”, “direito”, “democracia”, “poder”, “informação” e “sociedade” passam a ter.

Neste livro, que tem a intenção de ser a um só tempo introdutório e denso, três especialistas nessa vertente do pensamento comunicacional e tecnológico contemporâneo apresentam seus principais fundamentos históricos, teóricos e críticos. Apesar da centralidade evidente do pensamento de seu maior expoente, o pensador canadense Marshall McLuhan, o texto também explora as ideias de grande número de autores e autoras fundamentais no desenvolvimento da ecologia das mídias. Como campo genuinamente transdisciplinar, constam como referências as obras de educadores como Neil Postman (criador do termo “ecologia das mídias”), de linguistas como Walter Ong, de filósofos como Lewis Mumford, de antropólogos como Gregory Bateson, de feministas como Camille Paglia e de físicos como Robert Logan, entre muitos outros cientistas citados na farta bibliografia apresentada ao final do livro.

Este volume busca trazer para o debate público da cena

acadêmica brasileira e dos demais países de língua portuguesa uma visada original sobre os fenômenos da comunicação humana. O livro é um convite a estudantes e cientistas experientes para pensarem o mundo em que vivemos de modo amplo, ecológico. Para terem em vista que a entrada em cena de uma nova tecnologia não traz somente benefícios. Além de trazer malefícios, ela distribui seus benefícios de modo desigual, criando grupos de “vencedores” e “perdedores”. Versões preliminares de alguns textos que compõem este livro foram publicadas anteriormente pelos autores em periódicos científicos nacionais e estrangeiros. Para facilitar a leitura, as citações de livros ou artigos que não estavam disponíveis em português foram traduzidas diretamente, tendo sido mantidas as referências a números de página dos originais em outros idiomas.

Introdução à ecologia das mídias busca suscitar um bom debate, oferecer conceitos e categorias pertinentes para pensar os grandes problemas que afetam, afetaram e afetarão o mundo contemporâneo, em que ao mesmo tempo em que tudo parece estar interligado crescem os sintomas de isolamento e separação, em que paradoxalmente na “aldeia global” cresce o muro de ódio e intolerância que separa comunidades, famílias, grupos e nações. Este livro é um convite a abrir o pensamento para uma perspectiva ampla, complexa e desafiadora, a entender aparentes paradoxos como o de que “o meio é a mensagem”, que “o usuário é o conteúdo” e que toda tecnologia levada ao extremo se converte no seu oposto.

Boa leitura.